

# FRANCISCO DE ASSIS, O CURADOR FERIDO: A ENFERMIDADE E O CUIDADO NA VOCAÇÃO DO POVERELLO

## FRANCESCO D'ASSISI, IL GUARITORE FERITO: MALATTIA E CURA NELLA VOCAZIONE DEL POVERELLO

Frei Oton da Silva Araújo Júnior, ofm<sup>1</sup>



**Resumo:** O presente escrito revisita a experiência de Francisco de Assis, sobretudo em seu contato com os leprosos, demonstrando como suas enfermidades não lhe impediam de servi-los, mas antes, se constituíam como meio eficaz de compreensão do sofrimento do outro. Neste caso, somam-se as dores da própria doença e a exclusão social. Numa dimensão ética do cuidado não há super-heróis, mas seres humanos abertos à dor do outro, dispostos a permanecerem a seu lado, numa proximidade humanizadora para ambos. Reconhecer Francisco como um curador ferido significa, dessa forma, unir em uma só pessoa a solicitude pelo cuidado e igualmente a integração dos sofrimentos, os quais, vistos em perspectiva cristã, assumem uma dimensão pascal.

**Palavras-chave:** Enfermidade, cuidado, curador ferido, ética do cuidado.

**Abstract:** This writing revisits the experience of Francis of Assisi, especially in his contact with lepers, demonstrating how his illnesses did not prevent him from serving them, but rather constituted an effective means of understanding the suffering of others. In this case, the pain of the disease itself and social exclusion are added. In an ethical dimension of care, there are no superheroes, but human beings open to the pain of the other, willing to remain by their side, in a humanizing closeness for both. Recognizing Francis as a wounded healer means, in this way, uniting in one person the solicitude for care and also the integration of suffering, which, seen from a Christian perspective, takes on an Easter dimension.

**Keywords:** Illness, care, wounded healer, ethics of care.

---

<sup>1</sup> Pertence à Ordem dos Frades Menores. Doutor em Teologia Moral pela Accademia Alfonsiana de Roma. Professor no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte, MG. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional, membro da Equipe Teológica da Confederação Latino-americana de Religiosos (CLAR), Membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM). Contato: freioton@gmail.com.

## Introdução

A celebração dos 800 anos da Regra Bulada é uma boa ocasião para re-visitar a experiência fundante de Francisco de Assis e seus primeiros companheiros. Dentre tantos elementos importantes da Regra Franciscana, tomamos como inspiração, nesta oportunidade, o relato a respeito do cuidado para com os leprosos, os quais sempre foram personagens valiosos na forma de vida de Francisco e de seus primeiros irmãos. Diz a Regra de 1221: “em manifesta necessidade dos leprosos, os frades podem pedir esmola para eles” (RnB 8,10) e ainda “e devem alegrar-se quando convivem com pessoas vis e desprezadas, com pobres e fracos e doentes e leprosos e os que mendigam à beira da estrada” (RnB 9,2).

No entanto, esta solicitude para com o mundo dos enfermos não significa alguém não cuidando de quem está doente, mas um debilitado devotado a outros debilitados. Não se trata, pois, de um forte cuidando de fracos, mas de uma fraqueza compartilhada e solidária. Uma tal experiência aproxima Francisco de uma Cristologia da debilidade, na qual, “aquele que não cometeu pecado se fez pecado por nós” (2Cor 5,21). Isso faz de Francisco um “curador ferido”, interessado pela dor do outro, tendo de suportar ele próprio suas dores.

Nesta oportunidade, queremos revisitamos a experiência de Francisco em sua condição enferma e perceber como ele, apesar de ter estado convalescente durante longos períodos até sua morte corporal, não perdeu de vista sua inspiração primeira de cuidar dos fragilizados. O contraste entre o vigor físico e a debilidade salta aos olhos logo que se recorda de sua juventude, com ímpetos cavaleirescos e seu aprisionamento, que tanto o fragilizou. Narrativas como as do Rei Arthur, a Demanda de Santo Graal e Amadis de Gaula faziam parte das conversas e inspiravam os jovens filhos da burguesia, mas que para o jovem feito prisioneiro se lhes converteram em degradação física e emocional.

Tomás de Celano, ao interpretar essa convalescência à luz dos desígnios de Deus, chega a sugerir que, para domar o gênio guerreiro de Francisco, era preciso mesmo uma dose cavalariço, um forte golpe, a fim de transformar-lhe num pacificador. O contraste entre o espírito belicoso e a convalescência do corpo começaram a surtir efeito: “Prostrado por longa enfermidade, que é o que merece a teimosia dos homens que não se emendam a não ser com castigo, começou a refletir consigo mesmo de maneira diferente. Passou a observar a beleza da região em que vivia, mas

nada disso era capaz de satisfazê-lo” (1Cel 3, 2.4).

### 1. Francisco, um homem enfermo

Após sua recuperação e um longo processo de conversão, Francisco estava apto a iniciar uma nova jornada. No entanto, nunca esteve muito saudável, conservando certo mal-estar no fígado, no baço e no estômago. Muitos desses incômodos o acompanharam até a morte (LP 37, 2). Com esses sintomas, há quem suponha que tivesse contraído malária em sua juventude (SCHMUCKI, 1993, p. 183).

Numerosos são os relatos a respeito da precariedade da saúde de Francisco: uma paralisia temporária das cordas vocais (3Cel 34), “mal egípcio” (da conjuntivite tracomatosa), por ocasião da viagem ao Egito para se encontrar com o sultão. Como descreve a *Legenda Perusina*: “quando Francisco foi ao Oriente para pregar ao sultão da Babilônia e do Egito contraiu uma doença de olhos muito grave, causada pela fadiga e, sobretudo, pelo excessivo ardor do sol, que teve que suportar na ida e na volta” (LP 37). Nessa mesma ocasião, foi acometido de uma febre quartã, que o deixou de cama e o impediu de se alimentar devidamente.

O próprio Francisco confessa que sua saúde sempre fora frágil:

“Enquanto eu tive o ofício de cuidar dos frades, eles permaneceram em sua vocação e profissão, embora eu tenha sido adoentado desde o começo de minha conversão a Cristo, e com pouca solicitude da minha parte conseguia satisfazê-los com o exemplo e a pregação” (LP 76, 2).

Em seus últimos anos de vida, após o episódio dos Estigmas no monte Alverne, sua saúde se deteriorou ainda mais. Dessa vez, foi preciso que Frei Elias e o Cardeal Hugolino lhe impusessem a obediência de recorrer a um médico. “A doença crescia cada vez mais e parecia aumentar dia a dia pela falta de cuidado. Frei Elias, a quem escolhera como sua mãe e colocara como pai dos outros frades, acabou obrigando-o a aceitar o remédio pelo nome do Filho de Deus, por quem tinha sido criado, de acordo com o que está escrito: “O Senhor fez sair da terra os remédios, e o homem sensato não os rejeita” (Eclo 38,4). Então, o santo pai acedeu de bom grado e obedeceu com humildade aos que o aconselhavam” (1Cel 98, 7-9).

Seus olhos padeciam de um tracoma, submetendo-o a várias intervenções, dentre elas uma cauterização das têmporas. O relato de seus últimos meses demonstra o agravamento da situação: “Seis meses antes de sua morte, estando em Sena para cuidar da doença dos olhos, come-

çou a ficar gravemente enfermo em todo o resto do corpo. Seu estômago se desfez pelos problemas contínuos e por males do fígado, e vomitou muito sangue, parecendo estar quase à morte. Ao ser informado, Frei Elias veio de longe, o mais depressa possível, para junto dele. Quando chegou, o santo pai melhorou tanto, que pôde sair daquela terra e ir com ele para Celle, perto de Cortona. Mas, pouco depois de ter chegado, seu ventre se intumescceu, incharam-se as pernas e os pés, e o estômago piorou cada vez mais, mal podendo reter algum alimento” (1Cel 105, 1-4). Francisco então pediu para ser transportado para Assis, mas também ali foi acometido de uma hidropisia nas coxas e nos pés e, desta forma, se confirmava um quadro de edema generalizado (LP 59). “Deduz-se que sua córnea, depois da cicatrização do tracoma, se tornou quase que inteiramente opaca advindo, como consequência, a quase total cegueira” (SCHMUCKI, 1993, p. 185).

Todas essas enfermidades devem, evidentemente, ser somadas aos estigmas. Em Assis, a precariedade de seu corpo causava espanto em quem o visitava: “Já não havia nele membro algum que não experimentasse alguma dor, sua temperatura caía sempre e se aproximava cada vez mais da morte. Espantavam-se os médicos e

admiravam-se os frades de que seu espírito pudesse viver em um corpo já tão morto, pois a carne já se havia consumido e só a pele aderida ainda aos ossos” (1Cel 107). Somados os sintomas, “a causa determinante da morte biológica de Francisco, ocorrida na tarde de 03 de outubro, foi, pois, caquexia malárica consecutiva” (SCHMUCKI, 1993, p. 185), ou seja, “a perda contínua de massa muscular, gordura e massa óssea, além de deficiências nutricionais que não conseguem ser solucionadas, mesmo com a alimentação adequada”<sup>2</sup>.

## 2. A enfermidade como evento espiritual

O ser humano não só vive, convive, se alimenta e passa os dias, mas é capaz de significar a vida. No caso da doença, as interpretações costumam ser das mais diversas, desde o castigo de Deus, como oportunidade de conversão, ou relacionada à própria culpabilidade ou dos pais (“os pais comeram uvas e os filhos ficaram com os dentes embotados” – Jer 31,29; “quem pecou, ele ou os pais dele?” – Jo 9,2), ou meramente obra do acaso, numa demonstração da finitude da matéria.

Este fadigoso caminho não é poupado ao cristão, o qual não conhece vias que diminuam ou evitem a

<sup>2</sup> <https://www.tuasaude.com/caquexia/> (acesso: 14.06.23).

dor, mas somente uma via que o atravessa juntamente com o Deus a quem se pode sempre recorrer.

Com base em suas particulares condições psicofísicas e sua fé, o doente buscará viver também a doença na fé do Cristo que partilhou a totalidade da condição humana, também o sofrimento e a morte. Então a doença poderá ser não apenas sofrida, mas assumida e vivida espiritualmente como uma imersão batismal, como uma participação ao evento pascal. Tratar-se-á de dar o nome de cruz à própria doença, isto é, de viver com Cristo na doença como na saúde (1Ts 5,10). O Cristo crucificado, na verdade, habitou as situações infernais do sofrimento e do desespero humano. Então a doença pode se tornar, para o cristão, uma via de envolvimento com a morte e ressurreição de Cristo.

Eis a doença como evento espiritual: “o Espírito de Deus e o espírito do ser humano (Rm 8,16) cooperam para a elaboração do sentido da doença: a pessoa assume conscientemente a própria fragilidade e enfermidade, abrindo-se, com a fé e a oração, às ações do Espírito Santo que vem em ajuda à sua fraqueza (Rm 8,26) e o leva a ler a própria doença como fragilidade em Cristo (2Cor 13,4)” (MANICARDI, 2018, p. 20).

Na experiência de Francisco, uma única vez a enfermidade aparece re-

lacionada ao pecado. Trata-se do encontro com o cônego Gedeão, de Rieti, ‘lascivo e mundano’, atacado por uma doença grave e jazendo numa maca, que foi levado a Francisco e rogava em lágrimas que lhe fizesse o sinal da cruz. Disse-lhe: “Como vou te fazer o sinal da cruz se viveste outrora segundo os desejos da carne, sem temer os juízos de Deus?” (LM XI, 5).

De modo geral, Francisco, mesmo nas ocasiões de debilidade da saúde “sempre foi solícito, na saúde e na doença, por conhecer e seguir a vontade do Senhor” (LP 100, 1). Mas tudo isso sem nenhum romantismo, afinal, a precariedade das instalações onde ficava nem sempre eram adequadas, chegando a estar repletas de ratos, que o incomodavam muito. Nessas horas, Francisco chegava a implorar para que Deus lhe desse paciência (LP 43, 6). Este mesmo capítulo da *Legenda Perusina* apresenta um diálogo entre Francisco e o Senhor Deus a respeito da maneira como receber as enfermidades, em espírito de serenidade e louvação. A conclusão a que chega Francisco é que era preciso louvar e bendizer a Deus por todas as criaturas, iniciando assim a composição do Cântico do Irmão Sol. Sempre que se terminasse de entoar o Cântico, o pregador devia dizer ao povo: “Nós somos os jograis do Senhor e nisto queremos a vossa remuneração, isto é,

que estejais na verdadeira penitência” (LP 43, 20). E conclui o parágrafo: “Mesmo quando estava sofrendo pela doença, começava ele mesmo a dizer os Louvores do Senhor, e depois fazia que seus companheiros cantassem para que, em consideração do louvor do Senhor, pudesse ser esquecida a atrocidade das dores e doenças. E assim fez até o dia de sua morte” (LP 43, 29-30).

Francisco interpretava suas enfermidades dando-lhes o nome de irmãs, e não ‘penas’, como descreve Boaventura: “Mas ao ser atormentado pelas enfermidades, não lhes dava o nome de inimigas, mas de irmãs (*non poenas, sed sorores suas esse dicebat*); suportava-as com paciência e alegria, e agradecia a Deus por elas. Os irmãos que o assistiam julgavam ver um outro Paulo a se gloriar, a se alegrar e a se humilhar de suas fraquezas, e lembravam-se de Jó, ao admirarem sua força de alma e serenidade (Lm 7,2).

Ao receber a notícia da boca do médico Bongiovanni de Arezzo que sua situação era incurável e que de fato iria falecer, compôs a estrofe relativa à morte corporal no Cântico do Irmão Sol. Francisco que sempre foi aberto à vida, abria-se também a última realidade: ‘Bem-vinda seja minha irmã, a morte’ (2Cel 217).

Francisco associava com certa facilidade a sua condição física à

própria paixão de Cristo. “Ao pensar nestas, condoía-se tanto, todos os dias, das dores e amarguras de Cristo, que ele tolerou por nós, e por causa delas afligia-se tanto interior como exteriormente, que nem se importava com as suas próprias” (LP 37,5).

### 3. O encontro com o leproso: um ponto de não retorno

A presença de Francisco e dos frades junto aos leprosos não pode ser entendida como algo secundário ou circunstancial, mas, pelo contrário, constituiu-se como um dos carismas da vocação franciscana. “A força da santidade é conseguida através do serviço prestado aos leprosos. Sua natureza tem aversão pela lepra e também naturalmente se distancia dos leprosários; mas, pela força da graça, depois, procura-os, ama-os e estreita-os num abraço: em resumo, os cura. Ao mesmo tempo, cura-se a si mesmo; atinge a santidade, a perfeição” (CANONICI, 1993, p. 378).

Assim como na parábola do Bom Samaritano, no caminho de Francisco há um estranho caído, talvez não literalmente, mas diminuído em sua dignidade. Este encontro, se quiser ser sincero, só poderá acontecer entre duas fragilidades. Se uma das partes se comportar como forte e potente, e olhar o outro de cima para baixo, por

mais que o socorro físico seja prestado, a condição social do enfermo continuará a mesma. No encontro com o leproso, quem se converteu foi Francisco.

Os relatos das Fontes Franciscanas são abrangentes em apresentar Francisco como alguém convencido de que uma das missões fundamentais da sua vocação, bem como de seus companheiros, é o serviço aos leproso. Em seu Testamento, escrito na fase final de sua vida, Francisco utiliza a conhecida expressão de ter transitado da amargura para a doçura graças ao contato com os leproso. Em sua experiência de conversão, ocorre uma mudança de olhar na percepção do leproso - a quem Francisco chama de 'irmão cristão' (CA 64) - e, uma vez que lhe tenha beijado, este evento passa a representar o ponto de não retorno da sua experiência religiosa: "Depois disso, amante santo de toda humildade, transferiu-se para um leproso. Vivendo com os leproso, servindo com a maior diligência a todos por amor de Deus. Lavava-lhes qualquer podridão dos corpos e limpava até o pus de suas chagas" (1Cel 17, 1).

Para os que desejassem ingressar na Ordem, Francisco instituiu uma espécie de noviciado, sendo necessário passarem um tempo junto aos leproso para finalmente serem aceitos. "Podemos afirmar explicitamente

que a permanência entre os leproso constitui o noviciado básico para os primeiros frades menores, quase condição indispensável para sua aceitação na fraternidade" (CANONICI, 1993, p. 379).

Assim narra a *Legenda Perusina*: "no começo da religião, quis que os frades morassem nos hospitais dos leproso para servi-los e ali porém o fundamento da santa humildade. Pois, quando vinham para a Ordem nobres e plebeus, entre outras coisas que lhes eram anunciadas, dizia-se que era necessário servir humildemente os leproso e morar em suas casas, como consta na primeira regra" (LP 44, 3-4).

Francisco se achega aos leproso precisamente para tirá-los da marginalidade. "Fá-lo sobretudo devido à sua profunda convicção teológica, baseada na Bíblia, que os leproso são uma autêntica imagem de Cristo, atingido pelo pecado do mundo, por ele punido e marginalizado (Is 53,3-4; Mt 10,8; 8,17)" (CANONICI, 1993, p. 379).

Para entrar na verdadeira compaixão que flui depois da solidariedade, não basta ver o ser humano ferido, é preciso ver também as próprias resistências à compaixão, ver a própria vulnerabilidade de reconhecer que compaixão e solidariedade suscitam em nós também rejeição e repugnân-

cia. Não se deve excluir que a presença da pessoa ferida seja sentida como um verdadeiro e próprio aborrecimento que enche de cólera, no caso da parábola, o sacerdote e o levita: “por que este cara está ali a interromper o meu caminho, os ritmos já prefixados e pacíficos? Nasce em mim a vontade de excluí-lo do meu horizonte, porque me incomoda: então, passo do outro lado da estrada” (MANICARDI, 2018, p. 60).

Tudo o que está sendo dito não deve ser desvinculado do que fora visto anteriormente, ou seja, a precariedade de saúde de Francisco. Ele convive, a um só mesmo tempo, com uma saúde debilitada e um cuidado, uma atenção para com os leprosos, mesmo não sendo alguém forte ou que tenha os rudimentos de enfermagem necessários para essa tarefa. Ao fim de sua vida, mesmo alquebrado, “queria voltar a servir os leprosos e ser desprezado como nos outros tempos” (1Cel 103, 8).

Dentre tantas narrativas que demonstram o intenso relacionamento de Francisco com os leprosos, cabe recordar a descrição de *Fioretti* 25. O texto tem uma intenção literária bastante óbvia, em relacionar a cura do corpo à salvação da alma, graças à atuação de Francisco, que age pessoalmente sobre a pessoa do leproso. Por ser uma narrativa emblemática, a

tomamos com maior atenção: “Havia um leproso impaciente e mau, que blasfemava ultrajando Cristo bendito e sua santíssima Mãe Virgem Maria”. São Francisco ao se aproximar dele se disse disposto a servi-lo, ao que o leproso, para desafiá-lo, pede que Francisco lhe dê um banho. “E por milagre divino, onde São Francisco tocava com suas santas mãos, a lepra ia embora e a carne ficava perfeitamente curada. E quando a carne começou a ser curada, também a alma foi sendo curada”.

Já completamente são, disse chorando em alta voz: “Ai de mim, eu sou digno do inferno pelas vilanias e injúrias que fiz e disse aos frades, e pela impaciência e blasfêmias que tive contra Deus”. E São Francisco, vendo assim expresso o milagre, que Deus tinha operado por meio de suas mãos, agradeceu a Deus e foi embora dali para terras muito distantes. Pois queria fugir, por humildade, a toda glória, e em tudo que fazia buscava só a honra e glória de Deus, e não a própria. Depois disso, os dois ainda se encontraram e puderam juntos dar glória a Deus.

Poder contar com alguém que acolha o sofrimento é um dos elementos fundamentais da vida. “Narrar o próprio sofrimento a quem sabe escutar com amor e participação significa se libertar daquela penosa sen-

sação de absoluta solidão que quem sofreu o mal nutre em si (...). Neste ponto, o outro representa também um rosto amigo, acolhedor, confiável (MANICARDI, 2018, p.66).

Em geral, uma pessoa com a saúde debilitada tende a se poupar, ou mesmo que se coloque como merecedor das atenções. Haverá ainda quem queira tirar proveito de sua enfermidade, de exagerar nos sintomas a fim de receber a atenção desejada. No caso de Francisco, não. Mesmo debilitado, não renuncia à dimensão do cuidado pelos outros. Sua vulnerabilidade é justamente o que lhe qualifica como um cuidador melhor. O Doutor Seráfico destaca a persistência de Francisco em meio às enfermidades: “Não há lugar para enfermidade nem para a preguiça, onde o elã do amor estimula a obras sempre maiores” (LM 14,1).

Um dos fatos que atestam esta atitude de Francisco pode ser vista na reconciliação entre o bispo Guido II e o prefeito Opórtulo “enquanto jazia doente”, em São Damião no ano de 1225, com o auxílio da estrofe do perdão que nessa ocasião acrescentou ao Cântico e que fez cantar diante dos dois protagonistas da contenda. Recorde-se também outro gesto delicado: depois da composição do Cântico “ditou também um cântico, letra e música, para consolação das pobres damas do convento de São Damião.

Bem sabia quanto elas se afligiam com a sua doença!” (LP 46).

#### 4. Doença e vida social

Tomando como referência o modo grego de entender a corporeidade, notamos que, para a cultura helenista, o mundo era do sadio e do completo, em que a saúde aparecia como o bem mais elevado, o que tornava a doença uma grande desgraça. O homem ideal era harmonioso, num perfeito balanceado entre o corpo e a alma. Por sua vez, o homem doente, o aleijado e o fraco só podiam esperar consideração da sociedade se sua condição fosse capaz de melhora. O doente e o incapaz tinham de se recuperar para voltar a ser admitido como um ser íntegro, para isso podia contar com a ajuda dos médicos. No entanto, se a condição do paciente não apresentasse sinais de melhora, sua doença fosse incurável, o tratamento parecia sem sentido. Os médicos gregos consideravam falta de ética atender um caso sem esperança (SINGERIST, 2011, p. 76).

O cristianismo introduziu uma mudança significativa a esse respeito, ao se dirigir aos possuídos, doentes e aflitos, prometendo-lhes uma restauração espiritual e física. Diferentemente da perspectiva judaica, em que a doença tornava a pessoa impura, a

maneira de Jesus se aproximar, tocar e reintegrar a pessoa indica uma nova concepção. A doença passou a ser entendida como sofrimento e capaz de contribuir para a purificação da pessoa, uma cruz que o paciente carrega, nas pegadas do Mestre.

Bento XVI, ao refletir sobre as diversas facetas do amor, chama a atenção para o amor agápico, que se torna verdadeiramente descoberta do outro, superando o caráter egoísta que antes prevalecia. “Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes procura-o” (BENTO XVI, 2005, n. 6).

Ao se tornar religião oficial do Império, em 380, o cristianismo assumiu a obrigação de cuidar dos seus membros doentes. No início da era cristã, o cuidado do enfermo foi organizado em base comunitária, e foi assim ao longo dos anos. Muitas doenças eram assimiladas e geravam sentimentos de comisseração para com o enfermo. No caso da lepra, talvez por causar deformações físicas e seu aspecto incurável, os comportamentos foram mais repulsivos.

Porém, a segregação do leproso já ocorria desde os tempos bíblicos e narrado sobretudo no livro do

Levítico, capítulo 13, em que aparecem algumas regras sobre a relação que deveria ser prestada ao doente, as quais foram usadas ainda na Idade Média. O diagnóstico deveria ser feito por uma junta médica pois trazia consequências sociais terríveis. Na Itália, faziam parte dessa junta tanto médicos quanto advogados por haver implicações legais.

O leproso era expulso da sociedade e privado de seus direitos civis, em alguns lugares se rezava o réquiem em sua intenção e assim era declarado morto para a sociedade. Ele passava a viver em um leprosário, fora dos muros da cidade, na companhia de outros leprosos, todos dependentes da caridade pública (SINGERIST, 2011, p. 82).

As pessoas acometidas por lepra são muito sensíveis a infecções secundárias. Quando a Peste Bubônica devastou o mundo entre 1348 e 1349 e exterminou um quarto da população europeia, os leprosos foram os primeiros a sucumbir. Houve leprosários que chegaram a ser fechados por falta de internos, e desde então, a incidência da doença declinou rapidamente.

Em nossos dias, em que a doença de Hansen recebe outro tipo de abordagem, em que o preconceito diminuiu, mas ainda se faz presente, o Papa Francisco provoca: “De modo específico, devemos perguntar-nos

como melhor colaborar com as pessoas que sofrem de lepra, tratando-as plenamente como pessoas, reconhecendo-as como protagonistas principais na sua luta para participar nos direitos humanos fundamentais e viver como membros da comunidade com plenos direitos” (FRANCISCO, 23-24/01/23).

## 5. O curador ferido e a ética do cuidado

A expressão do ‘curador ferido’ remonta ao mito grego de Quíron, ferido acidentalmente pela flecha de Hércules. A mitologia serviu de inspiração a muitos pensadores ao longo dos tempos, nas mais variadas áreas do conhecimento. Relembremos a narrativa<sup>3</sup>.

“Na mitologia grega, temos que Quíron, o centauro que era versado nas artes da cura, levou uma flechada não intencional de Hércules, seu discípulo. A flecha almejava atingir outros centauros e físgou Quíron na coxa, produzindo uma ferida muito dolorosa e que tinha a propriedade de nunca cicatrizar. Nesse símbolo do centauro podemos observar a dualidade entre a razão (metade humana) e o instinto (metade cava-

lo), caracterizando um conflito entre a medida harmoniosa, apolínea, e a pulsão animal, dionisíaca. Aqui nasce, na referência da mitologia grega, um exemplo paradigmático do arquétipo do curador-ferido: Quíron ensina medicina, mas é incapaz de curar-se. Sendo imortal, deve carregar essa dor para sempre. Num trágico fim sacrificial, mas com um caráter também libertador, Quíron troca de lugar com Prometeu, conquista sua mortalidade morrendo e torna-se constelação por obra de Zeus”.

No mundo da saúde, costuma-se distinguir entre o curar e o cuidar, verbos que em outras línguas têm grafias similares, mas que em português é possível distinguir sem equívocos: curar significa extinção total do incômodo. Porém, nem sempre isso é possível, restando então o paradigma do cuidado, que remete à presença, à afeição, na tentativa de aliviar o sofrimento, pautado muito mais na humanização das relações.

Há quem afirme que “cuidar precede amar. Implica voltar a atenção para alguém fora de nós a fim de captar-lhe onde lhe dói a falta de um cuidado bem antigo a azedar-lhe a vida. Todos os humanos carregam silêncios e ausências de carinho, desde os primórdios do existir. Lá estão eles dificultando-lhes tecer laços com outros. Eis, então, que olhar prenehe de

<sup>3</sup> Baseada na descrição de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-08252018000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000100008) (acesso: 14.06.23)

afeto lhes colhe o vazio lhes injeta a seiva nova do cuidado. Este cobre-lhes o corpo, a mente, o espírito” (LIBANIO, 2015, p. 106).

A ética do cuidado, desse modo, desafia a própria ética a repensar a si mesma, pois muitas vezes se concebeu que a lógica da razão seria suficiente para o comportamento moral. “O sentido ético atinge tanto o horizonte do fim almejado quanto à maneira de realizá-lo concretamente. Mesmo sonhando com a realidade superior, mais elevada, não significa que nos permitamos qualquer instrumento para dar-lhe lugar na história” (LIBANIO, 2015, p. 104).

Humanizar-se, aceitar o outro em sua precariedade será fator decisivo na construção de uma ética que se pautará mais pela presença amiga, disposta a erguer o caído, do que postulados abstratos da razão. “O ideal do cuidado consiste, então, em uma atitude de relacionamento, de perceber as necessidades e responder a elas, de tomar conta do mundo, buscando a manutenção da teia de conexão, de modo que ninguém seja deixado sozinho” (ZOBOLI, 2011).

Henri Nouwen, em seu livro que traz como título justamente “O Curador Ferido” (publicado em 1972) faz referência a uma passagem do talmude quando o rabino Yoshua ben Levi encontrou o profeta Elias e lhe pergun-

tou pela vinda do Messias. Ao que o profeta o recomendou que procurasse ele próprio, e de novo o interlocutor o indaga como poderia reconhecê-lo e diz Elias: “ele está entre os pobres cobertos de feridas. Os outros desenfaixam todas as suas feridas ao mesmo tempo e depois as enfaixam de novo. Mas ele desenfaixa uma de cada vez e as enfaixa de novo, dizendo assim mesmo: ‘talvez precisem de mim. Se assim for, devo estar sempre pronto para não me atrasar nem um momento’”.

Nouwen atribui a mesma atitude aos ministros religiosos, os quais devem sempre estar preparados para o momento em que poderão precisar dele. Mas não só eles: “cada um é chamado a ser curador ferido, aqueles que devem não só cuidar de suas próprias feridas, mas ao mesmo tempo estar preparados para curar as feridas de outros”.

O referido autor, utiliza a palavra ‘hospitalidade’ para representar outras experiências como cuidado e compaixão, compreensão e perdão, companheirismo e comunidade. “A hospitalidade, diz Nouwen, é a virtude que nos permite sustentar a estreiteza dos nossos próprios medos e abrir nossa casa ao desconhecido, com intuição de que a salvação nos chega na forma de um viajante cansado. (...) É a capacidade de prestar atenção no convidado. Isso é muito difícil, já que estamos preocupados com nossas

próprias necessidades, preocupações e tensões que nos impedem de nos distanciar de nós mesmos para poder prestar atenção nos outros. Aqueles que querem prestar atenção sem intenções precisam estar confortáveis em sua própria casa. Ou seja, precisam descobrir o centro de sua vida em seu próprio coração. Portanto, concentração, que leva a meditação e a contemplação, é uma pré-condição necessária para a verdadeira hospitalidade” (NOUWEN, 2020).

### Considerações finais

Estar debilitado não faz de alguém um cuidador. A condição de precariedade não é nem mesmo um critério exclusivo para atitudes de cuidado: fortes podem cuidar de fracos, são podem cuidar de enfermos.

No caso de Francisco de Assis, o que se observa é que os dois elementos aqui abordados, a saber: a enfermidade e o cuidado, foram igualmente assumidos numa atitude humanizadora, que o impeliu em direção aos enfermos, sobretudo os leprosos, para os quais abria exceção no recebimento de dinheiro (RnB 8,1). “Quando não podia socorrê-los materialmente, procurava, ao menos, testemunhar-lhes seu amor. E como em todos os pobres ele via a semelhança com Cristo, não só dava generosamente ao

primeiro que aparecia todas as esmolas recebidas, com o risco de passar necessidade, mas a isto chamava ‘restituir’, como se os pobres fossem proprietários de tais esmolas” (Lm 3,7).

Tomás de Celano o descreve: “Tinha muita compaixão para com os doentes e muita solicitude pelas suas necessidades. Quando seculares piedosos lhe mandavam remédios, embora precisasse mais do que os outros, dava a outros doentes. Assumia os sofrimentos de todos os que padeciam dizendo-lhes palavras de compaixão quando não podia ajudar de outra maneira. Chegava até a comer nos dias de jejum, para que os doentes não ficassem com vergonha de comer. E não se envergonhava de pedir publicamente, pela cidade, carne para um frade doente” (2Cel 175).

A convivência e o cuidado dos leprosos são como que a garantia da fidelidade carismática inicial. Afastar-se dos leprosos significava afastar-se do ideal originário. Daí podemos entender o desejo que Francisco alimentou até seus últimos dias de vida: embora tremendamente convalescente, desejava ainda voltar a servir os leprosos (1Cel 103, 8).

Uma espiritualidade baseada na fragilidade humana nos coloca a todos num tapete comum, nos abre a uma dimensão quenótica, de força diaspórica, para além de nós mesmos. A so-

licitude pelo cuidado do outro, por sua vez, não exige uma vida que se esteja com 100% de suas forças e possibilidades. Antes, a aceitação da própria fragilidade pode ser um elemento facilitador para abraçar a dor do outro, fazer-se próximo, servir como gostaria de ser servido (RnB 10,1). Francisco de Assis, como um curador ferido, nos mostra que a pessoa do outro, suas demandas, são mais impositivas do que os próprios desejos pessoais.

Leonardo Boff, em seu conhecido livro “Saber cuidar” (1999), ao tomar São Francisco como exemplo de cuidado, relembra que seus hagiógrafos dizem que ele resgatou a natureza original, que Francisco é o novo homem, dado ao mundo pelo céu e que finalmente representa o evangelista dos novos tempos. “Somos velhos, ainda aferrados ao modo de ser do trabalho, dominação, agressão da natureza. São Francisco, no entanto, é verdadeiramente alternativo por ser o radical modo de seu cuidado com respeito, veneração e fraternura para com todas as coisas” (BOFF, 2009, p. 169).

E continua: “O coração de Francisco significa um estilo de vida, e expressão genial do cuidado, uma prática de confraternização e um renovado encantamento pelo mundo. Recriar este coração nas pessoas e resgatar a cordialidade nas relações poderá suscitar no mundo atual ou mesmo fascínio

pela sinfonia do universo e o mesmo cuidado com a irmã e mãe terra como foi paradigmaticamente vivido por São Francisco” (BOFF, 2009, p. 169).

Um elemento que talvez o Santo de Assis não tenha se aplicado tanto, e que hoje desperta a atenção, é o cuidado de quem cuida. Bem sabemos do grau de exigência que Francisco tinha para consigo, muito diferente das exigências para com os frades: para estes Francisco se mostrava condescendente e disposto a acolher a fragilidade, enquanto consigo mesmo, cultivava tamanha exigência: “Para si mesmo era severo no trato do corpo, desde o princípio da sua conversão, mesmo quando ainda não tinha irmãos, e durante toda a sua vida, não obstante a saúde delicada que teve na juventude e as comodidades sem as quais não podia viver quando estava no mundo” (LP 2). Tomás de Celano também ressalta este contraste: “Só neste ponto o santíssimo pai foi incoerente entre o que disse e o que fez. Porque submeteu seu corpo inocente com pancadas e privações, multiplicando seus sofrimentos sem necessidade” (2Cel 129).

Depois de uma vida considerando seu corpo como o “irmão burro”, “que devia ser submetido a pesadas cargas, apanhar com chicotadas frequentes e ser sustentado com comida ordinária” (LM V,6), ao fim de sua vida lhe pede perdão por tantas

privações: “E, sorrindo, disse ao próprio corpo: ‘Alegra-te, irmão corpo, e me perdoa, porque agora vou tratar de cumprir com gosto tuas vontades, vou me apressar a atender tuas reclamações!’ Mas o que poderia agradar àquele pobre corpo acabado? O que poderia soerguê-lo, agora que já estava todo extenuado? Francisco já tinha morrido para o mundo, mas Cristo estava vivo nele” (2Cel 211, 13-16).

O curador ferido não é um super-homem, não está acima das vicissitudes humanas, não se considera melhor do que os demais. Ao se reconhecer plenamente humano e precário assume essa condição não como limitação, mas justamente como capacidade de entender ainda melhor a realidade da outra pessoa. Podemos lembrar aqui de outras figuras que, assim como Francisco, fizeram de sua fragilidade a propulsão para o cuidado, como Madre Teresa, Santa Dulce, Gandhi, Charles de Foucauld e tantos outros corpos minguados, tremendamente solidários. E reconhece Francisco: “Para isto fomos chamados: para curar os feridos, reanimar os abatidos e trazer de volta os que estão no erro” (LTC 58). Eis um curador ferido.

## Referências

- BENTO XVI, Papa. **Deus Caritas est:** Carta Encíclica sobre o amor cristão, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar:** ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CANONICI, Luciano. Leproso, lepro-sário, in: **Dicionário Franciscano.** Petrópolis: Vozes, 1993, p. 376-382.
- FRANCISCO, Papa. **Mensagem aos participantes do II Simpósio sobre a doença de Hansen (23-24/01/23).** (Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2023/documents/20230117-messaggio-simposio-malattia-hansen.html>, acesso 14.06.23).
- LIBANIO, João Batista. **A Ética do cotidiano.** São Paulo: Paulinas, 2015.
- MANICARDI, Luciano. **O Humano sofrer:** evangelizar as palavras sobre o sofrimento. Brasília: CNBB, 2018.
- NOUWEN, Henri. **O curador ferido:** Ministério na sociedade contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2020. (disponível em <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/205524/epub/0>. Acesso 15.06.23).
- SCHMUCKI, Oktavian. Enfermidade, in: **Dicionário Franciscano.** Petrópolis: Vozes, 1993, p. 183-199.
- SIGERIST, Henry E. **Civilização e Doença.** São Paulo: Hucitec, 2011.
- FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- ZOBOLI, Elma. Cuidado: no encontro interpessoal, o cultivo da vida, in: **Revista Vida Pastoral**, ano 52 - número 276, 2011 (disponível em <https://www.vida-pastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/cuidado-no-encontro-interpessoal-o-cultivo-da-vida>. Acesso 14.06.23).